



Tempos, homens e lugares possíveis

Outros tempos, de Mauro Iasi

Marcelo Maldonado*

“Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

a noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes”.

Ferreira Gullar

Há uma noite em curso. Uma grande, densa, lenta noite que se arrasta e da qual se quer escapar. Uma noite que já não (cor)responde a sonhos ou a gritos ou a preces, cuja boca escura (de estrelas mortas) abre-se para mastigar velhas certezas, engolfar o tempo em maquinações ardilosas para confundir-lhe as próprias leis. Cíclica, mítica, apocalíptica.

De tempos em tempos vivencia-se uma noite como essa a que aludem os poemas de Mauro Iasi – ele mesmo insiste em chamá-los

* Doutorando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

“noturnos” –, cujas sombras se adensam e modificam toda e qualquer perspectiva de um amanhã possível. E, no entanto, assim como na “Marcha da quarta-feira de cinzas”, é preciso cantar. Mais que isso, a poética de Iasi nos convida, não, nos conclama a lutar, reportando-se à questão fundamental shakespeariana, quando se opõe à fuga enquanto alternativa ao combate. Assim como em *Hamlet*, os homens dos poemas de Iasi, atormentados por espectros, são impelidos à ação, ainda que se configure, por ora, numa semente que medrará em outros tempos, quando já o próprio fantasma do poeta seja tão somente uma abstração. Até que, “inevitável como a vida, chegará a pálida luz... de um outro dia” (p. 30).

Outros tempos (2017) abre seus versos a essa inexorabilidade circular, a uma espécie de ética taoísta que, em sua dualidade, congrega os opostos, confrontando-os no que têm de mais singular: suas próprias diferenças. Não se pode, pois, fugir ao inevitável embate. Na infinita rotação do planeta sobre seu eixo (e das palavras sobre si mesmas), o tempo, entendido como uma grandeza física associada ao sequenciamento de eventos naturais em ordem de ocorrência, relativiza-se à luz de uma poética contundente, tanto mais quando em face aos sujeitos que sofrem os efeitos de sua força dinâmica. Sujeitos que, “em busca do mesmo sol que perdemos / Abraçando suas mesmas faces ardentes / Festejando a volta da claridade” (p. 25), esperam vencer a noite na qual, tensos e despertos, encontram-se mergulhados.

O percurso poético desse livro parte de uma questão quase ontológica: são outros os tempos ou os homens é que são outros? Simultâneos, anacrônicos, utópicos, conflitantes e, sobretudo, contraditórios, os tempos reverberam suas recorrências nos versos que evocam círculos, redemoinhos, espirais, espelhos com reflexos inver-

tidos, exílios revertidos em chegadas, rastros que se confundem e se perdem, caminhos que não dão em nada, “Naufrágios ou jornadas / Que voltam de onde nunca partiram” (p. 23), como se enxergassem uma súbita falha na eterna lei de causa e efeito. Embuste, engodo, truque de ilusionismo, os tempos nos enganam renascendo, sempre, e transferindo o lapso para o homem, que, desmembrado, perde-se de si próprio e dos seus.

Tratando do(s) tempo(s), os poemas tratam de homens. Tempo de homens partidos, o nosso, como já esmiuçou em outros versos um outro poeta, divididos por classes, credos, cor. Tempo de refugiados, assassinados, oprimidos de toda sorte. Tempo de vagabundos que, observando as leis da física (e desobedecendo às leis dos homens), compreendem bem: “Todo corpo, enquanto pode, / tende a permanecer em repouso. / Até que se move!” (p. 53). E move-se em frequência e comprimento de onda, em greves, em motins, em convulsões, plenamente ciente de que “Só o que está vivo se consome / Em chamas, em calor, em sina / Os que se acomodam não vivem / Só o que se move gera atrito” (p. 76). O corpo móvel do vento, que o poeta materializa no próprio mundo, marca o ser/estar do homem de nosso tempo: em todo lugar, ocupando os espaços que são seus de direito, no grande cenário da vida, ainda que por força de conflitos.

Um tempo possível, um homem possível, um lugar possível. Essas são algumas das jornadas a que se lança a perquirição poética de Mauro Iasi, balizada por uma sensibilidade que raras vezes conjuga o verbo lírico na primeira pessoa. E mesmo quando o faz, como em “Mito da caverna” ou “A máscara”, produz a sensação de uma perplexidade compartilhada com o outro, num tácito entendimento, numa confluência em que impressões sensoriais internas e externas se projetam no espaço concreto, no contato físico, como

em “Mimesis e diegesis”: “O que o mundo em mim fez / Sou eu, nós em mim internados. / O que no mundo faço / Recoloco um pouco de mim / Em nós... atados” (p. 49). A objetiva abre-se em ângulos mais ou menos circunscritos em favor de um enquadramento no qual o individual é preterido pelo coletivo.

Por esse motivo, porque recoloca um pouco de si no mundo, o poeta se dedica aos refugiados, aos pescadores da Baía de Guanabara, aos companheiros das Jornadas de Junho, aos alunos em rebelião em uma escola de São Paulo, à Rivânia (estudante que salvou seus livros e cadernos da enchente que arrasou o distrito de São José da Coroa, em Pernambuco, em junho de 2017), a Silvino Nunes Gouveia (militante do MST assassinado com dez tiros em Minas Gerais, em 24 de abril do mesmo ano) e à subversiva Elza Soares, negra, magriçela, sem nome e faminta, que (ainda) canta para não enlouquecer. Não há a menor dúvida de que se dedicaria, igualmente, a Marielle Franco, uma vez que “A vida (e a arte) sempre é subversiva / Quando a morte reina” (p. 69). Dedicar-se, em particular, às bases ideológicas em que firmemente milita, quando proclama: “¡Socialista será el porvenir! / Y para construir-lo decimos / Con puños erguidos hacia el futuro / ¡Aquí estamos!” (p. 57); e reafirma: “Cada um luta como pode / fuzis, favelas, amuleto. / Na pré-história da humanidade / meu poema vive no gueto” (p. 38).

Dos guetos ou das comunidades é que ressurge a fé numa humanidade fadada a remoer sua mediocridade, pelas mãos dos pescadores que libertam das redes uma arraia e devolvem-na ao mar. Certo de que se dirige a e de que luta por um outro, o poeta empenha sua voz num compromisso visceral com a vida e com o espaço presentes, sobretudo quando encara os reincidentes fantasmas e se pergunta: “Terá o futuro nos abandonado? / Levou consigo nossos sonhos /

deixando apenas no horizonte / as nuvens escuras do passado” (p. 66). Afinal de contas, se não há a perspectiva da “contaminação”, da transferência de humanidade através da poesia, não há lugar possível, como constata: “Meu coração e o mar são inúteis / se do outro lado não há como chegar” (p. 28).

Na poesia comprometida não apenas com a minha e a tua vida, mas com a do homem de nosso tempo, Mauro Iasi retoma a necessidade e a urgência contidas nas palavras dos que, antes dele, há meio século (que, nas enganações do tempo, parece ter sido ontem), faziam valer a palavra poética como arma branca ou de fogo, na forma de uma cantiga imprescindível. Como Drummond, Ferreira Gullar, Thiago de Mello ou mesmo Victor Jara, Iasi sabe que é preciso escrever (e entoar) uma milonga pelo direito de viver em paz; que, apesar da noite, das togas, das botas e da mesma sensação de perigo posta à mesa, ainda é (e há) tempo. E que, talvez, este seja o nosso tempo.

De posse da certeza de que “Uma coisa é a dança / Outra, é a emoção / Uma coisa é o músculo / Outra, é o coração” (p. 73), sua palavra poética afetiva e efetivamente se dá conta de que o coração é um músculo do tamanho de um punho e de que *hay que seguir luchando (y bailando)*. Siempre.